

o sumiço da santa
uma história de feitiçaria

JORGE AMADO



ROMANCE BAIANO

Posfácio de Yvonne Maggie



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2010 by Grapiúna Produções Artísticas Ltda.
1ª edição, Record, Rio de Janeiro, 1988

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Consultoria da coleção Ilana Seltzer Goldstein

Projeto gráfico Kiko Farkas e Mateus Valadares/ Máquina Estúdio

Pesquisa iconográfica Bete Capinan

Imagens de capa © Pierre Verger/ Fundação Pierre Verger (capa); © Luiza Chiodi/ Companhia Fabril Mascarenhas (chita); © Acervo Fundação Casa de Jorge Amado (orelha). Todos os esforços foram feitos para determinar a origem das imagens deste livro. Nem sempre isso foi possível. Teremos prazer em creditar as fontes, caso se manifestem.

Cronologia Ilana Seltzer Goldstein e Carla Delgado de Souza

Assistência editorial Cristina Yamazaki/ Todotipo Editorial

Preparação Isabel Jorge Cury

Revisão Ana Maria Barbosa e Carmen S. da Costa

Texto estabelecido a partir dos originais revistos pelo autor. Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Amado, Jorge, 1912-2001.

O sumiço da santa : uma história de feitiçaria : romance baiano / Jorge Amado ; pós-fácio de Yvonne Maggie. — São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

ISBN 978-85-359-1602-7

I. Romance brasileiro I. Maggie, Yvonne II. Título.

10-00271

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

I. Romances : Literatura brasileira 869.93

Diagramação Máquina Estúdio

Papel Pólen Soft, Suzano Papel e Celulose

Impressão RR Donnelley

[2010]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707 3500

Fax (11) 3707 3501

www.companhiadasletras.com.br



PÁGINA DESTINADA A EPÍGRAFES, MOTES, DITOS E REFERÊNCIAS

*O reis mandou me chamar
pra casar com sua fia
o dote que ele me dava:
Oropa, França e Babia
(coco das Alagoas)*

*Babia
les dieux sont parmi nous
.....
les dieux
qui furent trop longtemps condamnés à la nuit
(Francis Combes, “La Lumière de Bahia”)*

*Babia de Tous les Saints
c’est là que l’Afrique vit encore en exile
(Georges Moustaki, “Bahia de Tous les Saints”)*

*E partiu para sua viagem o Viajante sem Porto em águas da Babia de
Todos-os-Santos.
(Herberto Salles, *Os pareceres do tempo*)*

*Yansã chegou na pedra
veio trovão, veio corisco*
(Zora Seljan, *Yansã, mulher de Xangô*)

*Mestre Manuel e Maria Clara narraram, discretamente, o desastre do Viajante sem
Porto.*
(Epaminondas Costalima, *A noite de glória de João da Silva*)

Este mundo é um espanto.
(Fernando Assis Pacheco, carta)

Deus é brasileiro.
(dito popular)

ESTA É A PEQUENA HISTÓRIA DE ADALGISA E MANELA E DE ALGUNS outros descendentes dos amores do espanhol Francisco Romero Perez y Perez com Andreza da Anunciação, a formosa Andreza de Iansã, mulata escura. Nela se narram, para que sirvam de exemplo e advertência, acontecimentos sem dúvida inesperados e curiosos decorridos na Cidade da Bahia — noutra lugar não poderiam ter acontecido. A importância da data é relativa mas vale saber que tudo se passou num tempo curto de quarenta e oito horas, longo de vidas vividas, ao término dos anos 60 ou nos começos dos anos 70, por aí assim. Não se buscou explicação, uma história se narra, não se explica.

Projeto de romance anunciado há cerca de vinte anos, sob o título de *A guerra dos santos*, somente agora, no verão e no outono de 1987, na primavera e no verão de 1988, em Paris, coloquei o enredo no papel. Escrevendo-o, diverti-me; se, com sua leitura, alguém mais se divertir, me darei por satisfeito.



A TRAVESSIA



O EMBARQUE

NAQUELE DIA, EM INTEMPESTIVO HORÁRIO VESPERTINO, despontou na Bahia de Todos-os-Santos, procedente do Recôncavo, o *Viajante sem Porto*, as velas enfunadas — o mar é um manto azul, disse o namorado à sua namorada. Por estranho possa parecer não se ouvia, na esteira do vento, a voz de Maria Clara desfalecendo na dolência de uma cantiga de amor.

Assim acontecia porque, além da carga habitual e olorosa de abacaxis, caju e mangas, o saveiro recebera em Santo Amaro da Purificação o encargo — melhor dito a missão — de conduzir à capital a imagem de santa Bárbara, a do Trovão, famosa pela beleza secular e por milagreira, emprestada pela paróquia, com indisfarçável relutância do vigário, para ser exibida em apregoada Exposição de Arte Religiosa, glosada em prosa e verso pela imprensa e pelos intelectuais: “O evento cultural do ano”, proclamavam as gazetas. Para atender à sagrada incumbência, mestre Manuel cancelara a partida matutina, atrasando-a de quase doze horas, mas o fizera com satisfação: pagava a pena, e dona Canô não pedia, ordenava.

Sentiu-se o pároco menos aflito por serem da viagem um padre e uma freira; ele jovem e moderno, cabelos em desalinho, vestido à paisana; ela idosa, magra, pálida, hábito negro; a providência divina, que não falha, os embarcara junto com a santa:

— Velem por ela durante a travessia, sobretudo façam atenção na foz do rio, as águas são volúveis e o vento sopra forte. Deus que os acompanhe.

Ajudados pelo vigário, pelo sacristão e por dona Canô, entre orações e aplausos de irrequieto grupo de beatas, o padre e a freira procederam à cerimônia do embarque. Na descida escorregadia, porém, preferiram confiar o andor com a imagem peregrina às mãos marinheiras de mestre Manuel e de sua mulher Maria Clara, que a depuseram com reverente cautela na popa do saveiro. Ali, de pé, a majestosa efgie da santa católica semelhava carranca de barco, votiva figura de proa, entidade pagã e protetora.

A FREIRA E O PADRE

A VIRAÇÃO DA TARDE NAS VELAS UFANAS, LÁ SE FOI O SAVEIRO com a santa. Ao leme, mestre Manuel sorriu para o reverendo e a boa irmã: não se assustem, santa Bárbara não corre perigo.

Sentada junto ao andor, Maria Clara cuida da estabilidade da imagem, impede que os solavancos do barco ameacem o seu equilíbrio. “Fiquem descansados”, ajuntou para de todo tranquilizá-los, enquanto examinava e louvava o capricho posto no revestimento do andor, enfeitado com requintes de brocados e fitas, bordados e rendas, confeccionados para a ocasião pelas devotas da Confraria de Nossa Senhora da Boa Morte, na vizinha cidade de Cachoeira, piedosas velhinhas, artistas de mão-cheia. Ah! se dependesse delas a santa viajaria coberta de ouro e prata, ouro velho, prata de lei, mas o diretor do museu recusara, peremptório: proibira inclusive o relicário da irmandade — uma antipatia!

Afirmações dignas de confiança, a do mestre e a de sua mulher, contudo a freira, escondida no hábito surrado e severo, temeu pela segurança da santa enquanto durou a travessia, fosse na correnteza do rio, fosse na marola do golfo, mas nada disse, não deixou transparecer a inquietação, apenas rezou, passando e repassando as contas do rosário: a brisa que circundava a imagem vinha aquietar-se em suas mãos ossudas. Para ela a viagem foi longa e preocupante; só respirou aliviada quando o saveiro embicou para a rampa do Mercado: tudo correrá bem, Deus seja louvado! Logo a santa com seu embornal de raios e trovões estará no Museu de Arte Sacra onde o diretor, frade alemão, doutor emérito, três vezes erudito, autor consagrado, a batina branca, impecável, a aguarda impaciente — sobre a origem e a autoria da famigerada escultura redigira tese alentada e atrevida. Somente então liberta das grades do medo, irmã Eunice cerrou os olhos, deixou escapar um suspiro de desafogo e pôde, enfim, sentir a doçura da viração.

O padre não parecia padre, esses reverendos de hoje são uma novidade. Como reconhecê-lo sacerdote se trajava calças jeans, camisa florida aberta ao vento e não se via coroa raspada no centro da cabeça esvoaçante? Um bonito rapaz a atrair os olhares das mulheres. O hábito não faz o monge, ensina o povo em sentença bastante anterior a tais mudanças de vestuário e de comportamento, e cabe-lhe razão. Apesar do aparente desalinho de roupas e penteado, da falta de batina e de coroa, não se tratava de um hippie a caminho da colônia Paz e Amor em

Arembepe, mas de padre ordenado, sincero na vocação e no apostolado, devotado à missão aceita e exercida. Na distante freguesia que lhe coubera, os paroquianos eram pobres de Deus, servos dos ricos, sujeitos à lei imemorial da violência.

Para ele a viagem parecera ainda mais longa, infundável, pois viajara com a impunidade e a injustiça e tinha razões para pensar que não fora chamado à capital a fim de receber louvores e incentivo. Ouvira despropósitos e ameaças, lera notícias nos jornais, denunciando e condenando a ação subversiva de certos sacerdotes. Seu nome, padre Abelardo Galvão, saíra nas gazetas, versões mentirosas: os canalhas deturpam os fatos, inventam, enlameiam, aviltam — infâmia e vilania, pensa o padre. De Patrícia conhecia apenas o cristal da voz, o enigma do sorriso, o dengue do olhar. Na peçonha de tais insinuações, os miseráveis tentavam esconder os cadáveres apodrecendo no mangue entre guaiamuns. O padre viaja com os três mortos, sabe quem os mandou assassinar, todos sabem; de nada adianta saber, os que comandaram os pistoleiros pairam ilibados, inacessíveis, acima do bem e do mal. A terra tem donos, uns poucos, contam-se nos dedos das mãos; poucos, porém implacáveis.

INFORMAÇÃO, MODESTA E PRUDENTE, SOBRE A BAHIA

APESAR DE NÃO SE OUVIR A VOZ DE MARIA CLARA RECORDANDO juras de amor, alegrias e penas, em verdade, ao lado da imagem, ela cantarola cantigas de preceito, devidas em privilégio aos santos e aos encantados. A melodia não chega à freira e ao padre mas convoca verdes magotes de baronesas que cercam o curtido casco do escaler. Nas hastes carnudas, as flores azuis, recém-desabrochadas, inclinam-se, saudando santa Bárbara, a do Trovão. O rio Paraguaçu tem odor a tabaco e sabe a açúcar, a embarcação navega entre canaviais e plantações de fumo.

No mar do golfo, cardumes de peixes recebem o saveiro, um cortejo de polvos, arraiais e cações acompanha-lhe a esteira. O sol derrama ouro no céu da Bahia de Todos-os-Santos.

A Bahia de Todos-os-Santos é a porta do mundo, como se sabe. Desmedida, nela cabem reunidas as demais enseadas do Brasil e ainda

sobra espaço onde conter as rias da Galícia e as esquadras do universo. Quanto à beleza, não há comparação que se possa fazer nem existe escritor capaz de descrevê-la.

Um rebanho de ilhas, cada qual mais aprazível e deslumbrante, pasta neste mar de sonho. Pastoreadas pela ilha maior e principal, a de Itaparica, povoada de tropas lusitanas e holandesas, de tribos de índios e de nações africanas. No fundo das águas, no reino de Aiocá, jazem cascos de caravelas armadas em guerra, fidalgos portugueses e almirantes batavos, colonos e invasores expulsos pelos denodados patriotas brasileiros. Itaparica, mãe da pátria recente, chão da liberdade nas batalhas da Independência, nas festas de janeiro.

Das glórias da Bahia de Todos-os-Santos manda a prudência não falar, é recomendável guardar silêncio, para evitar despeito e dor de cotovelo: sua fama está na boca dos marítimos, nas canções dos trovadores, nas cartas e relatos dos navegantes. Das glórias da Bahia aqui não se fará praça nem se cantarão loas para celebrá-las: a modéstia é apanágio da grandeza.

No regaço do golfo, na brisa da península, plantada na montanha, eleva-se a Cidade da Bahia, de seu nome completo Cidade do Salvador da Bahia de Todos-os-Santos, enaltecida por gregos e troianos, exaltada em prosa e verso, capital geral da África, situada no oriente do mundo, na rota das Índias e da China, no meridiano do Caribe, gorda de ouro e prata, perfumada de pimenta e alecrim, cor de cobre, flor da mulataria, porto do mistério, farol do entendimento.

Sobre esta Cidade da Bahia muito mais se poderia dizer não fossem a modéstia e a prudência. Para seu cais de histórias e canções navega o *Viajante sem Porto*, mestre Manuel ao leme, sua mulher Maria Clara no cuidado do andor; leva de passageiros um padre e uma freira e a imagem de santa Bárbara, a do Trovão, que deixou seu altar singelo na matriz de Santo Amaro da Purificação para figurar na Exposição de Arte Religiosa, na capital. Em surdina, a voz de Maria Clara no mergulho dos peixes, no voo das andorinhas-do-mar.

O TOCADOR DE BERIMBAU

NO ALTO DA RAMPA DO MERCADO, SENTADO SOBRE VAZIO caixão de querosene, um negro bem-vestido, trajan-

do duque branco, gravata-borboleta e sapatos de duas cores reluzindo no brilho do lustre, executava naquele fim de tarde solos de berimbau para pequeno público composto de mercadores de frutas, de vadios capitães da areia e do casal de namorados. Não havia roda de capoeira a animar, o negro tocava pelo simples prazer de tocar e o som provinha do passado remoto, do fundo das senzalas, contava do horror da escravidão.

Ao olhar em direção ao Forte do Mar, surpreso, o músico reconheceu a silhueta do *Viajante sem Porto* velejando nas primeiras sombras do crepúsculo em vez de fazê-lo como de hábito na fímbria da manhã quando trazia no alto do mastro a estrela-d'alva e a voz de Maria Clara acordava o sol:

*O marinheiro bonito
Sereia do mar levou...
É doce morrer no mar
Nas ondas verdes do mar...*

Crepúsculo ou madrugada são por igual horas boas de chegar e de partir, a vida é feita de inesperados, deles provém sua graça, não é mesmo? O negro suspende o toque, apura o ouvido, escuta o som do búzio anunciando o fim da travessia. Onde se perdeu a voz de Maria Clara, por que não se ouve a melodia predileta dos marítimos?

*Eu te darei um pente pra te pentear
O céu e o mar eu vou te dar...*

No som majestoso do búzio, destaca-se um marulho triunfal, que boa-nova o mestre anuncia à cidade e ao povo? Embriagador aroma de frutas envolve o cais, perfume de jacas maduras.

Na doçura da tarde, na opulência do pôr do sol, as águas e os peixes depuseram o saveiro com o andor e a formosura da santa no porto da chegada, a embarcação tocou o cimento da rampa. Levantou-se Maria Clara, foi recolher as velas, enquanto mestre Manuel baixava a corda com o pedregulho que faz as vezes de âncora. O *Viajante sem Porto* se imobiliza, o sol explode no céu, no céu vespertino da Bahia, em todas as nuances do vermelho, do rosa ao escarlate.

O DESEMBARQUE

PADRE ABELARDO AJUDA A FREIRA A PÔR-SE DE PÉ, respiram os dois aliviados, desembarcam cada um com sua pressa. Velaram pela santa durante a travessia, já não são necessários pois nas proximidades da rampa via-se, estacionada, a Kombi do museu, à espera.

Para receber a imagem preciosa, o diretor escolheu Edimilson Vaz, jovem e talentoso etnólogo, auxiliar de confiança. Ele próprio não pudera ir, naquele preciso momento presidia concorrida entrevista coletiva com a imprensa falada e escrita, para dar a conhecer detalhes referentes à grande exposição cujo vernissage estava fixado para daí a dois dias: presentes jornalistas da Bahia, os correspondentes de importantes órgãos do Sul do país e, para culminar, o enviado de uma cadeia de jornais portugueses, um certo Fernando Assis Pacheco. Quando o saveiro chegou à rampa do Mercado, o diretor começava a discorrer sobre a secular imagem de santa Bárbara, a do Trovão — por que do Trovão, por que o alforje repleto de raios onde deviam figurar a torre de um castelo e uma palma? —, obra capital da imaginária que dentro de alguns minutos ali estaria iluminando a sala, deslumbrando os senhores jornalistas, meus caros amigos! Sobre raios e trovões, datas e locais, santeiros e escultores, divergiam museólogos, historiadores, críticos de arte, uns pró, outros contra, todos competentíssimos e o diretor ainda mais, a impecável batina branca, o ar seráfico fazendo-se em alguns momentos pícaro e malicioso.

Antes que mestre Manuel e Maria Clara, terminada a amarração do saveiro, fossem cuidar do transporte da imagem, a santa saiu do andor, deu um passo adiante, ajeitou as pregas do manto e se mandou.

Num meneio de ancas, santa Bárbara, a do Trovão, passou entre mestre Manuel e Maria Clara e para eles sorriu, sorriso afetuoso e cúmplice. A ebômi colocou as mãos abertas diante do peito no gesto ritual e disse: Eparrei, Oiá! Ao cruzar com o padre e a freira, fez um aceno gentil para a freira, piscou o olho para o padre.

Lá se foi santa Bárbara, a do Trovão, subindo a rampa do Mercado, andando para os lados do Elevador Lacerda. Levava certa pressa, pois a noite se aproximava e já era passada a hora do padê. Também o negro bem-posto se inclinou ao vê-la, tocou o chão com os dedos, depois os levou à testa e repetiu: Eparrei! O negro era Camafeu de

Oxóssi, obá de Xangô, barraqueiro do Mercado, solista de berimbau, outrora presidente do Afoxé Filhos de Gandhi, e nem ele próprio sabia se ali se encontrava por acaso ou por obra e graça dos encantados. Antes que as luzes se acendessem nos postes, Iansã sumiu no meio do povo.